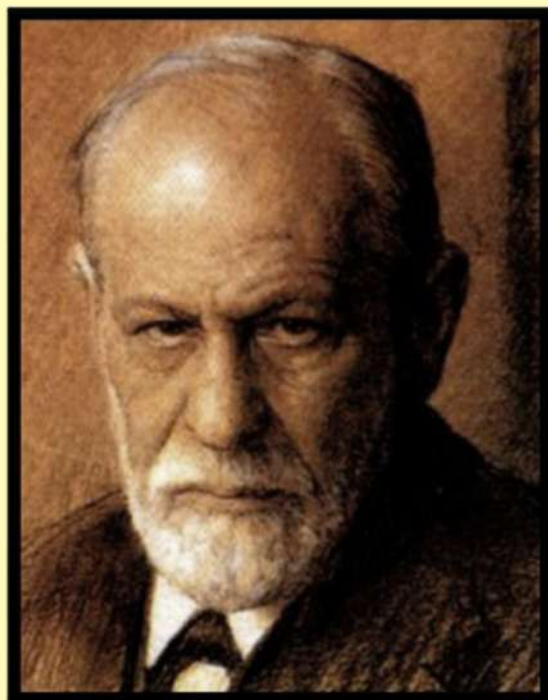
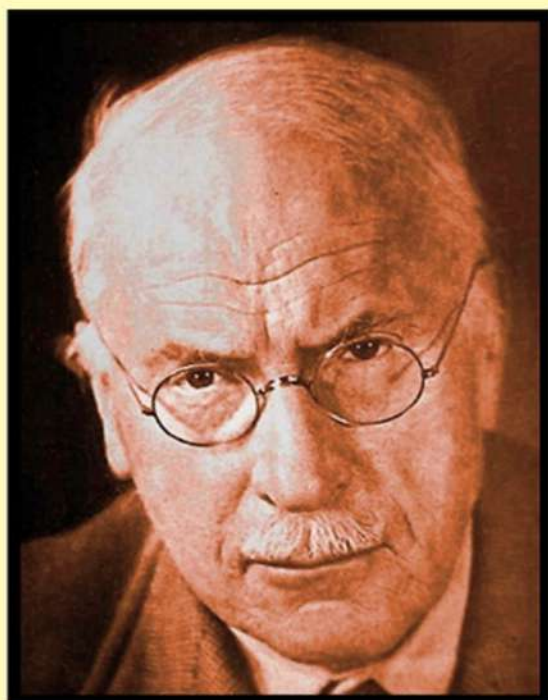


Lino Bertrand



*O QUE É A PSICOLOGIA ANALÍTICA DE JUNG E SUAS
DIFERENÇAS EM RELAÇÃO À PSICANÁLISE DE FREUD*



Jung
na Prática

FEELGOOD & KNOW

INTRODUÇÃO

Dois gênios
da Humanidade!



FREUD & JUNG



Seus trabalhos mudaram os rumos de inúmeras áreas do conhecimento, incluindo a psicologia, e ainda se mantém mudando, o que deve ocorrer muito e por muito tempo ainda. O mergulho que ambos fizeram nos domínios do que outrora fora terreno de adivinhos, feiticeiros, místicos, loucos, artistas, etc., foi de extrema importância para a criação de uma nova visão de mundo, onde o oculto, o inconsciente, tem sim influência sobremaneira na nossa vida diária.

Certamente não foi tarefa fácil reunir, auto experimentar e expor de forma clara sob os moldes da ciência, seus pensamentos e vivências. O estudo da vida e da obra desses grandes homens traz riqueza e pluralidade para análise e interpretação da vida pessoal e profissional de quem desejar esse mergulho interior.

O objetivo deste trabalho é expor de forma breve algumas diferenças em relação aos principais conceitos de ambos, permitindo que haja elementos para reflexão e posterior aprofundamento sobre as obras em questão.

De início cito o historiador Sonu Shamdasani ¹ que disse, na palestra em que estive presente, em Porto Alegre em 2015, em resposta à pergunta de uma das participantes, que a obra de Jung está sim nas universidades, no entanto, em sua grande maioria, nas pós-graduações.

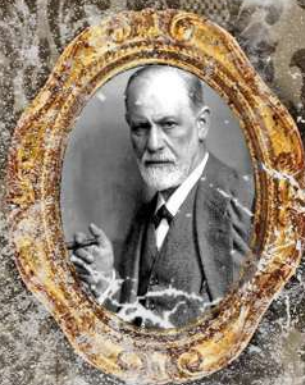
Deixo aqui um link para um encontro online que fiz na época, com reflexões acerca do livro lançado naquela ocasião, "O Lamento dos Mortos"², de Sonu Shamdasani:

<https://www.youtube.com/watch?v=mUnoLhhbQH8>

É importante conhecer a história e a linha de pensamento de cada um, Sigmund Freud e Carl Gustav Jung, para poder traçar uma análise comparativa de seus pensamentos. Espero, ainda que de forma breve, contribuir para que se enriqueça esta análise.

SUMÁRIO

1. Atração e repulsão, a relação intensa dos gênios
2. A Psicologia Analítica x A Psicanálise
3. O inconsciente
4. A libido
5. Os sonhos
6. O símbolo
7. A religião
8. A relação com o paciente
9. O sentido da emoção não sentida



ATRAÇÃO E REPULSÃO, A RELAÇÃO INTENSA DOS GÊNIOS



Carl Gustav Jung disse:

“Compreendemos sempre os outros como a nós mesmos, ou como procuramos compreender-nos. O que não compreendemos em nós próprios, também não o compreendemos nos outros.”

Sobre a vida de Freud e Jung já muito se sabe. Em 1907 se encontram pela primeira vez, permanecendo 13 horas conversando ininterruptamente.

Para Freud era importante que seu sucessor fosse não judeu e mais jovem para poder expandir e expor sua teoria. Jung atendia todos esses requisitos e, em muito pouco tempo Freud transformou-o em Presidente fundador da Sociedade Psicanalítica Internacional.

Mas Jung, desde o início percebeu que existia uma incompatibilidade entre eles. Eles conversavam muito e analisavam seus sonhos mutuamente. Freud se encantou com a ideia dos complexos e também passou a usar na sua prática o teste de associação de palavras de Jung, de uma forma livre.

Jung não desejava ficar atrás de um divã esperando o núcleo afetivo do complexo se manifestar, reconhecendo ser mais rico e efetivo olhar para esse paciente no olho a olho e interagir.

Para Freud o sentido da vida é aquisição de conhecimento em busca da perfeição, enquanto que para Jung, é a realização do si mesmo que traz um sentimento de plenitude que leva à transcendência, apesar das imperfeições humanas.

A Psicologia Analítica x A Psicanálise



“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana seja apenas outra alma humana.”

Carl Gustav Jung

A psicanálise de Freud no final do século XIX, quando ele observa e trabalha sintomas neuróticos e/ou histéricos. Por meio do diálogo com seus pacientes ele foi percebendo que seus problemas tinham origem em relação ao seu meio ambiente social e cultural, passando as pessoas a reprimir seus desejos sexuais e fantasias inconscientes.

Utilizava em seu processo terapêutico a relação de transferência e da resistência de forma interpretativa através também da associação livre de palavras. O terapeuta ouve seus pacientes falarem de seus sonhos, anseios, desejos, e vai fazendo comentários para que o paciente possa se autoconhecer.

Assim como um espelho, o terapeuta deve ser neutro e manter a relação o mais limpa possível de interferências para que o paciente tenha uma visão clara de si mesmo.

A Psicologia Analítica nasceu com psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, que teve uma formação filosófica de estudos desde muito cedo. Já como base teve contato intenso com a religião, visto que seu pai era pastor. Através da mitologia, alquimia, sua experiência em hospital psiquiátrico, do contato com a obra de Freud, suas viagens e investigações, de seu contato com inúmeros estudiosos de várias áreas do conhecimento de sua época, edificou seus principais conceitos e que determinaram a linha de orientação da Psicologia Analítica.

As bases da sua teoria estão entre: arquétipos, inconsciente pessoal e coletivo, processo de individuação, sonhos, enantiodromia, teleologia, complexos, sincronicidade, tipos e funções psicológicos, energia psíquica, símbolo, entre outros.

Segundo Jung é necessário que haja a conscientização do indivíduo, onde self e ego se comunicam constantemente para que haja, de início a autorregulação da psique e consequentemente sua autorrealização.

O INCONSCIENTE

“Como se sabe, não é o sujeito que projeta, mas o inconsciente. Por isso não se cria a projeção: ela já existe de antemão”.

- Carl Gustav Jung

Psique é uma palavra que remonta à Grécia e significa sopro ou alma. A função da psique junguiana é regular e harmonizar internamente o indivíduo para que este possa se adaptar e ser capaz de interagir com o mundo.

Para Freud o inconsciente é basicamente composto por aspectos de repressão. De qualquer forma, tanto Freud quanto Jung acreditavam que a psique humana possui três componentes.

Freud divide a psique em inconsciente, pré-consciente e o consciente, enquanto para Jung existe o consciente (ego), o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo.

As suas principais diferenças estão entre os assuntos referentes à sexualidade, sonhos e o inconsciente. Sobre este último, quando se trata da psique, é a ideia de inconsciente coletivo de Jung um dos fatores de discordância entre eles.



“Jung postulava que, à semelhança da evolução do corpo humano que mantém vestígios dos organismos de nossos ancestrais (o cóccix, por exemplo), a psique humana guarda toda a história anterior do desenvolvimento humano.” (NETTO, 2013)

Este entendimento não era corroborado desta forma por Freud que em certo ponto passa a não mais aceitar compartilhar sonhos com Jung dizendo ser uma questão de hierarquia. A partir de então os dois se separam e tomam rumos diferentes.

Para Jung a humanidade tem no inconsciente coletivo toda estrutura de conhecimentos. O inconsciente coletivo é formado pelos arquétipos que dão forma a todo esse conhecimento e como Jung diz, são como continentes sem conteúdo próprio que servem para organizar e/ou canalizar todo o conhecimento da humanidade e são preenchidos pelas pessoas à medida de suas experiências conscientes. (Cf. JUNG, 2002, p.91)

A LIBIDO



FOTO

“A difusão quase universal da idéia de energia é uma expressão clara do fato de que, mesmo ainda num estágio primitivo, a consciência sentia a necessidade de representar concretamente o dinamismo percebido dos acontecimentos psíquicos. Por isso, se em nossa psicologia colocamos ênfase no ponto de vista energético, fazemo-lo de acordo com os fatos psíquicos que se acham gravados no espírito humano desde épocas primordiais.”

Carl Gustav Jung

A questão da libido para Freud era tratada com base sexual, ou seja, as atitudes humanas estão pautadas, iniciadas tendo como veículo primário, a libido que para ele tinha esta conotação sexual. Jung, ao contrário, dizia que a libido é energia psíquica total e que o aspecto sexual era uma das facetas desta força poderosa na psique humana.

Seus encontros, estudos e trocas, acontecem entre 1907 e 1913, ano em que Jung lança seu livro “Símbolos de transformação da libido”, onde expõe a capacidade do símbolo transformar a energia psíquica.

Este fato é considerado o fator de ruptura entre os dois e que ficou marcado na história ao longo dos anos como o momento de seguir rumos diferentes.



A Religião



“A individuação não exclui o mundo; pelo contrário, o engloba.”

Carl Gustav Jung

Para Freud é importante compreender o homem e sua cultura pelas leis naturais independente de forças mais elevadas. Para ele, em geral, todas as religiões advêm de certa forma de pensamentos e ações até então imaturas. Ele acredita que tudo deve invariavelmente ser “cientificamente demonstrado”.

Somos todos “Homo Religiosus”!?

Esta questão era objeto de reflexão de Jung e junto a pensadores como Mircea Eliade, Lévy-Brhul, Viktor Frankl, entre outros, procurou analisar a fundo, vivenciando também, por aspectos particulares à sua formação, a profundidade desta questão, tanto de forma individual como referente à toda humanidade.

Para Eliade o ser sagrado é manifestação completa do ser:



Essa necessidade religiosa exprime uma inextinguível sede ontológica. O homem religioso é sedento do ser. O terror diante do “Caos” que envolve seu mundo habitado corresponde ao seu terror diante do nada. O espaço desconhecido que se estende para além do seu “mundo”, espaço não-cosmizado porque não consagrado, simples extensão amorfa onde nenhuma orientação foi ainda projetada e, portanto, nenhuma estrutura se esclareceu ainda – este espaço profano representa para o homem religioso o não-ser absoluto. Se, por desventura, o homem se perde no interior dele, sente-se esvaziado de sua substância “ôntica”, como se se dissolvesse no Caos, e acaba por extinguir-se. (ELIADE, 2008, p.60)

Já Jung considerava a psique humana, por natureza, religiosa. Por ser filho de um pastor, teve muito contato com esta questão a qual deu muita importância. Estudou muitas vertentes religiosas e paralelos que somaram para o desenvolvimento de sua teoria, entre eles o cristianismo, I Ching, as religiões orientais, mitologia, alquimia, astrologia, entre muitas outras.



Os sonhos

“Há quem diga que são os sonhos dos homens que sustentam o mundo na sua órbita.”

- Carl Gustav Jung

Em termos do trabalho com os sonhos, as diferenças são também muito claras. Para Freud objetos pontiagudos que apareciam nos sonhos eram considerados como um símbolo do pênis, assim como caixas, compartimentos fechados representavam o órgão sexual feminino, ou seja, a interpretação dos sonhos baseado nos significados comuns dos símbolos a que ele chegou.

Para Jung poderiam ter outras interpretações de acordo com a ligação entre o símbolo, o conteúdo do sonho, aspectos de ordem individual do sonhador e também de ordem coletiva.

Os sonhos em Freud é instrumento da personalidade humana, pois vêm revelar desejos suprimidos pelo ego. Para ele os sonhos são fenômenos normais da vida psíquica que são passíveis de estudo.

Segundo ele são seis categorias no processo onírico:



Os sonhos como realizações de desejos

A paralisção nos sonhos



Os sonhos e suas ideias aparecem como alucinações

A lembrança dos sonhos e fraca



Sonhos com conexões absurdas, contraditórias e estranhamente loucas

A consciência nos sonhos continua como quando estamos em vigília



Além disso, Freud inclui em suas interpretações não só o conteúdo manifesto pela fala do sonhador frente às lembranças que tem dos sonhos, mas também o conteúdo latente, expresso pelas possibilidades simbólicas advindas da análise e da associação de palavras.

Em 1899, Freud produz a obra “A interpretação de sonhos”, e uma das suas frases mais conhecidas, diz: “A interpretação dos sonhos é a vida real que leva ao conhecimento das atividades inconscientes da mente”. (2004, op. cit., p. 647)

Para Jung os símbolos oníricos podem ser de caráter pessoal ou coletivo e tem função para ambos, terapeuta e paciente na relação terapêutica:

“Sonhos são realizações de desejos ocultos e são ferramentas que buscam equilíbrio pela compensação. É o meio de comunicação do inconsciente com o consciente.” (JUNG, 2015, pg. 19.)

Cinco são as funções dos sonhos para Jung:



Para ele a ordem e cronologia dos sonhos são muito importantes e mostram o estado geral do paciente, mas como num conjunto buscam o reequilíbrio psíquico geral. Ele diz:



"A função geral dos sonhos é tentar reestabelecer a nossa balança psicológica, produzindo um material onírico que reconstitui, de maneira sutil, o equilíbrio psíquico total. É ao que chamo função complementar (ou compensatória) dos sonhos na nossa constituição psíquica." (JUNG, 1964, pg. 49.)

A simbologia dos sonhos parece ser ponto comum entre as duas escolas, apesar de terem suas divergências, têm no símbolo algo importante. O fato é que ao estudarmos ambos podemos ter uma melhor compreensão dos sonhos de forma prática e efetiva, plural e maleável, mensagens plasticamente compostas por algo profundo e natural em cada um de nós e que tem um motivo e significado.



Símbolo



“O mecanismo psicológico que transforma a energia é o símbolo.”

- Carl Gustav Jung

Símbolo em grego “symbolon”, representa algo abstrato, essencial, atemporal e inesgotável. Representa através de uma imagem - a imagem simbólica - um arquétipo que vai caminhando, elaborando e ao mesmo tempo formando o cotidiano das pessoas e está presente nas mais diferentes áreas do saber humano.

Para Freud e Jung as ideias sobre símbolo eram diferentes. Para o primeiro, os símbolos mascaravam a verdade, basicamente representada pela sexualidade e pelo complexo de Édipo. O segundo acredita que o símbolo é infinito em possibilidades e não mascara, mas elucida. Maria Helena M. Guerra bem aponta:



Como para Freud o centro de sua Psicologia era a sexualidade e o Complexo de Édipo, ele via, por exemplo, nos símbolos oníricos, disfarces que encobriam aspectos ligados à sexualidade e ao Complexo de Édipo. Para Jung, um símbolo nunca possui um único significado, e nem uma interpretação fixa. Ele também não via as expressões oníricas como disfarce, acreditando que a psique se expressa numa linguagem arcaica e simbólica. Ao invés de atribuir aos símbolos significados fixos, Jung considera que eles são a melhor expressão para aquilo que é pressentido e ainda não sabido. (GUERRA, Jung e Freud: Opostos ou Complementares?, p.02)

Apesar de diferentes concepções sobre símbolo, Freud e Jung reconhecem sua importância e assim como citado anteriormente, devemos entender ambos para que possamos ter uma maior compreensão da psique como um todo.

A RELAÇÃO



“Não se pode exercer influência sem estar aberto à influência. O paciente influencia [o analista] inconscientemente. Um dos sintomas mais conhecidos deste tipo é a contratransferência provocada pela transferência.”

- Carl Gustav Jung

A ideia de diálogo no processo terapêutico recente na história da humanidade nasce com Freud, um diálogo reflexivo, colocando o paciente face a face com o inconsciente. O psicanalista interage com o paciente e vai ajudando a revelar o que esteja oculto. Em termos práticos o divã freudiano era como o balcão de um marceneiro onde se apoiam os materiais a serem analisados e cujo processo era feito com o psicanalista ouvindo o paciente e interagindo com ele no sentido de trazer à tona os conteúdos inconscientes, mas deixando de lado os seus próprios.

O divã, em Jung, é substituído pelas poltronas, onde paciente e terapeuta ficam frente a frente. O diálogo então acontece e podemos observar ao menos quatro aspectos:

O encontro de duas pessoas que conversam em estado consciente.

Ambos ajudam a compreender a si mesmos, ampliando assim os níveis de consciência de cada um.

A interação entre os inconscientes pessoais de ambos

Há a percepção consciente da interação entre os inconscientes e consequente simbolização.

Dentro da psicanálise de Freud, na relação, o terapeuta deve manter-se o mais neutro possível e pode ou não ocorrer a projeção. O terapeuta se mantém “ausente” enquanto participante do processo para que o paciente projete sobre ele e haja a possibilidade de percepção dos elementos que constituem as causas dos sintomas.

No processo analítico de Jung, a relação entre paciente e terapeuta é um dos elementos muito importantes, pois a interação entre conscientes e inconscientes geram infinitas possibilidades simbólicas, demandas de ambos que pretendem, além de resolver qualquer sintoma, alcançar níveis de consciência e realização mais elevados.

No livro “A Prática da Psicoterapia”, Jung diz:

“A diferenciação e o aprofundamento da problemática psicoterapêutica que começaram com Freud, logicamente devem, mais cedo ou mais tarde, chegar à conclusão de que o diálogo analítico final entre médico e o paciente tem que incluir a personalidade do médico. O antigo hipnotismo e a terapia por sugestão de Bernheim já sabiam disso: isto é, que o efeito terapêutico depende por um lado do chamado “rapport” (relação) – transferência, na linguagem de Freud – e por outro lado, da força de persuasão e de penetração da personalidade do médico. Na relação médico-paciente, há, no fundo, dois sistemas psíquicos que se inter-relacionam. Toda visão mais profunda do processo psicoterapêutico levará, assim, infalivelmente à conclusão de que em última análise, - isto é, na medida em que a individualidade é um fato que não pode ser simplesmente ignorado – o relacionamento médico-paciente tem que ser um processo dialético.” (JUNG, 2013, p.19)

Podemos verificar então as diferenças básicas entre os dois métodos terapêuticos acerca da relação psicoterapêutica. Sob o ponto de vista de Jung, a necessidade da relação existe enquanto fundamento para o desenvolvimento do processo terapêutico saudável.



O SENTIDO DA EMOÇÃO NÃO SENTIDA

“Muito mais forte do que suas frágeis palavras é a coisa que você é. O paciente é impregnado pelo que você é – pelo seu ser real – e presta pouca atenção ao que você diz.”

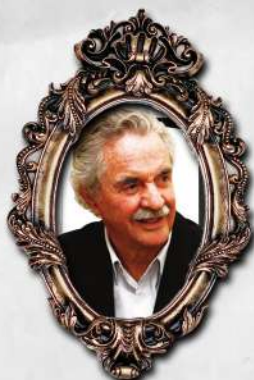
- Carl Gustav Jung

Muito se destaca as diferenças entre Freud e Jung, mas pouco se observa a importância que tiveram como opostos complementares. Enquanto Freud dá atenção à infância e aos processos patológicos, Jung olha para a autorrealização, para a maturidade. Um não exclui o outro, mas o complementa, onde pontos de fundamentais diferenças podem interagir para que se forme algo novo, como diz Byington:



“Acho que o que mais chama atenção, pois é o eixo central das diferenças de suas obras está no conceito de Self e de Superego. Enquanto Freud se preocupou com o agente repressor introjetado culturalmente numa atmosfera de proibição e culpa, Jung ocupou-se basicamente do instinto criador do homem, fonte instintiva e natural ao mesmo tempo da sexualidade, da arte e da moral.” (BYINGTON, Freud e Jung: Dois Opostos que Formam um Todo, p.03)

Segundo ele ainda:



“Este enfoque permite que a psicanálise seja muito mais pedagógica e diretiva sem ser paternalista, pois a atividade criadora do Self necessita ser conhecida e interpretada tão intensamente quanto a função repressiva do Superego. É necessário conscientizar a transferência de cura (Self) tanto quanto a neurose de transferência (Superego).” (BYINGTON, Freud e Jung: Dois Opostos que Formam um Todo, p.08)

Em toda a obra de ambos, de maneira geral, existem pontos de convergência e complementação, onde podemos nos apoiar para um estudo e reflexão mais completo da psique humana. Maria Helena Madacarú Guerra expõe:



“O pensamento de Freud e Jung são complementares no que tange ao estudo do desenvolvimento da personalidade. Enquanto Freud deu muita importância à formação do Ego na infância, Jung dedicou-se mais ao desenvolvimento da personalidade na vida adulta, enfatizando sobretudo o processo de individuação na segunda metade da vida.”
(GUERRA, Jung e Freud: Opostos ou Complementares?, p.02)

Outro ponto muito interessante e fundamental para a compreensão de todo o contexto relacional das teorias, assim como dos homens, Carl G. Jung e Sigmund Freud é a motivação de seu rompimento.

O fato mais conhecido e já citado anteriormente é que suas diferenças eram ideológicas e que a partir daí originaram divergências que culminaram na separação dos dois gênios e posterior abalo emocional.

De um lado Freud, com seu conceito de libido caracteristicamente sexual, símbolos que escondem a verdade, método onde o médico deve estar isento na relação, o inconsciente como substrato de ideias e emoções reprimidas.

De outro lado está Jung, considerando a libido como energia psíquica total, onde a sexual é apenas e tão somente uma parte, os símbolos como atemporais e inesgotáveis em significado, a relação médico-paciente é intensa e deve ser dialética, o inconsciente como pessoal e coletivo.

Tantas são as particularidades que poderíamos relatar acerca dessas diferenças, mas o que chama a atenção é a possibilidade do embate, do abalo, da cisão emocional ter acontecido antes da separação ideológica, teórica, como que sendo, inclusive, a causa desta inevitável separação.

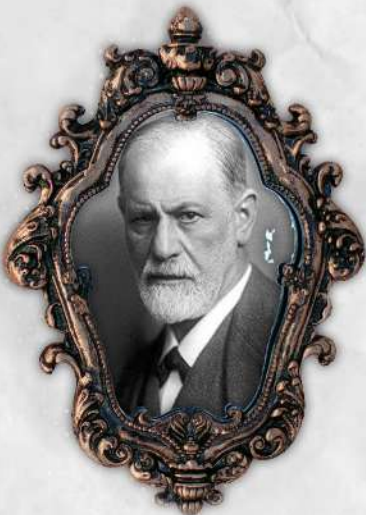
Carlos Byington se refere ao núcleo da relação emocional entre ambos como sendo o complexo paterno de cada um, onde para Freud, Jung seria seu legítimo herdeiro, entre inúmeras outras questões pessoais. Já Jung, desde cedo, tinha dificuldades de relacionamento com seu pai, especialmente em relação à questão da religiosidade e via em Freud um pai espiritual que não teve.

Enfim, Byington considera:



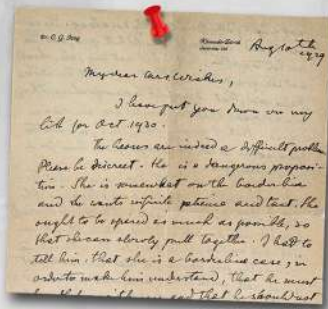
“Freud e Jung, apesar de sua genialidade e de terem lançado as bases da Psicologia moderna, nunca fizeram uma terapia com elaboração de suas defesas conscientes e inconscientes dentro de uma relação transferencial, o que caracteriza a análise como a concebemos hoje, de acordo com os parâmetros por eles lançados. O complexo constelado na sua relação, e que acabou os afastando, parece-me ter sido um complexo de Édipo em suas personalidades, o qual não foi elaborado em uma terapia.” (BYINGTON, Freud e Jung, sua Limitação com o Sagrado e o seu Complexo de Édipo, p.01)

Mesmo conhecendo a teoria e reconhecendo suas defesas, seus complexos, ambos os autores parecem não ter elaborado suas questões acerca deste tema e isto culminou numa explosão emocional que, segundo Carlos Byington pondera, foi o motivo real para a ruptura entre eles, seja a nível de relacionamento interpessoal, assim como posterior separação das teorias. Ele diz:



“O maior sintoma da atuação de suas defesas, no que diz respeito à relação entre eles, foi para mim a sua separação abrupta, em plena associação extraordinariamente criativa, sem nenhuma elaboração emocional e qualquer integração das suas diferenças. Perderam eles, por certo, mas, por serem os pilares da psicologia dinâmica, sua separação traumática afetou o campo da Psicologia de maneira fundamental. Ficaram polarizados no estudo do inconsciente pessoal e coletivo. Assim, não perceberam que a separação entre pessoal e arquetípico nem sempre existe, uma vez que a dimensão pessoal tem fundamentação arquetípica, a começar pelos símbolos do pai, da mãe e da criança bem como por todas as defesas descritas por Freud para formar o inconsciente pessoal.” (BYINGTON, FREUD e JUNG: O que a Emoção não Deixou Reunir, p.07)

Ainda sobre sua emoção e sua separação:



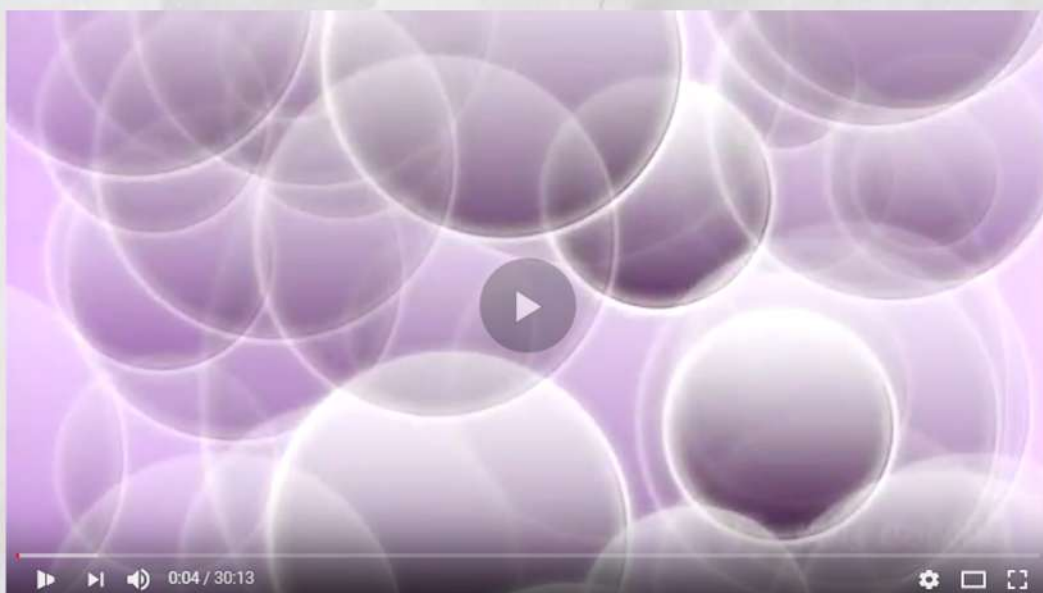
“Ao ler a correspondência dos dois enquanto preparava o artigo, tive a nítida sensação de que a ruptura emocional havia desencadeado a separação ideológica e não o oposto. Senti claramente o ferimento que isso havia sido para o movimento psicanalítico e a necessidade dele ser reparado.” (BYINGTON, Freud e Jung: Dois Opostos que Formam um Todo, p.02)

Essa relação entre a psicanálise e a Psicologia Analítica deve se estreitar pelos próximos anos, visto que muitos estudiosos vêm reconhecendo a complementariedade de ambas as teorias. Num futuro, quem sabe, podemos clarificar os conceitos de cada um e reunir o que há de mais essencial, eficiente, eficaz, tanto para o tratamento do corpo, como da mente e do espírito.

Espero que com este breve esboço acerca da relação pessoal e teórica dos dois grandes gênios da humanidade, Sigmund Freud e Carl Gustav Jung, possamos iniciar este movimento de união complementar para a construção de uma teoria mais dialética. Mantenho-me feliz em ver o trabalho do professor Carlos Byington já realizando este trabalho e resolvendo questões tão importantes para a humanidade.

TAREFA:

Faça uma meditação livre (sozinho e num lugar tranquilo) de no mínimo 10 minutos acerca dos temas expostos neste livro. Se desejar pode usar alguma música para ajudar a relaxar:



[Clique na imagem acima ou neste link para acessar a música](#)

Por ter completado esta tarefa, você ganhou a

Insígnia Nível: "Matéria Prima"



[Clique Aqui para obter sua insignia!](#)

Conheça mais do Jung na Prática!

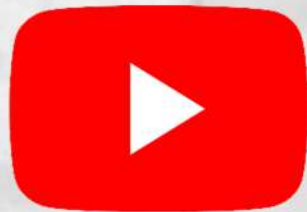
Clique nos ícones abaixo para ser redirecionado
aos nossos canais de conteúdo!



Facebook



Site



Youtube



Instagram

Referências Bibliográficas

BERTONE, sousa. Homo Religiosus: um conceito adequado ou indemonstrável? A propósito de seu uso na História das Religiões. 2012. Disponível em: <
<https://bertonesousa.wordpress.com/2012/09/02/homo-religiosus-um-conceito-adequado-ou-indemonstravel-a-proposito-de-seu-uso-na-historia-das-religoes>>. Acesso em: 29 de nov. 2017.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. Freud e Jung: Dois Opostos que Formam um Todo. Disponível em: <
<http://www.jungnapratica.com.br/freud-e-jung-dois-opostos-que-formam-um-todo>>. Acesso em: 29 de nov. 2017.

_____. Freud e Jung, sua Limitação com o Sagrado e o seu Complexo de Édipo. Disponível em: <
<http://www.jungnapratica.com.br/freud-e-jung-sua-limitacao-com-o-sagrado-e-o-seu-complexo-de-edipo>>. Acesso em: 29 de nov. 2017.

_____. Freud e Jung: O que a Emoção não Deixou Reunir. Disponível em: <
<http://www.jungnapratica.com.br/freud-e-jung-emocao>>. Acesso em: 29 de nov. 2017.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GUERRA, Maria Helena R. Mandacarú. Jung e Freud: Opostos ou Complementares?. Disponível em: <
<http://www.jungnapratica.com.br/jung-freud-opostos-complementares>>. Acesso em: 29 de nov. 2017.

JUNG, Carl Gustav. O Homem e Seus Símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

_____. Fundamentos de Psicologia Analítica: As conferências de Tavistock. Petrópolis: Vozes, 1972. v. 1.

_____. Psychology and Religion. West and East. 2. ed. New Jersey: Gerhard Adler & R. F. C. Hull, 1973. v. 11.

_____. Collected Works. 20 vols. ed H. Read, Michael Fordham e Gerhard Adler; tr. R. F. C. Hull. London: Routledge & Kegan Paul; Princeton: Princeton University Press, 1953-77.

_____. Psicologia do Inconsciente. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980. v. 7/1.

_____. Civilização em Transição. Petrópolis: Vozes, 1993. v. 10/3.

_____. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 9/1.

_____. A Natureza da Psique. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. v. 8/2.

_____. A Energia Psíquica. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. v. 8/1.

_____. A Prática da Psicoterapia. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. v. 16/1.

_____. Memórias, Sonhos e Reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2015.

NETTO, Roberto Lima. Freud e Jung – as principais diferenças. 2013. Disponível em: <
<http://happinessacademyonline.org/pt/freud-jung-diferencas>>. Acesso em: 29 de nov. 2017.

NOGUEIRA, Adriana Tanese. A diferença entre psicologia e psicanálise. 2010. Disponível em: <
<http://www.psicologiadialetica.com/2010/05/diferenca-entre-psicologia-e.html>>. Acesso em: 29 de nov. 2017.

PSICANALISTA, Portal do. Sobre a psicanálise. 2012. Ordem Nacional dos Psicanalistas. Disponível em: <
<http://www.onp.org.br/index.php/sobre-a-psicanalise>>. Acesso em: 29 de nov. 2017.

SILVA, Giovana Rodrigues da. O sonho e a psicanálise freudiana. 2012. Revista EnsiQlopédia – FACOS/CNECOSório Vol. 9 – Nº1 – OUT/2012 – ISSN 1984 - 9125. Disponível em: <
http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/ensiqlopedia/outubro_2012/pdf/o_sonho_e_a_psicanalise_freudiana.pdf>. Acesso em: 29 de nov. 2017.

SOUZA, Felipe de. Como interpretar os sonhos – segundo Freud. 2014. Disponível em: <
<http://www.psicologiamsn.com/2014/07/como-interpretar-os-sonhos-segundo-freud.html>>. Acesso em: 29 de nov. 2017.

ZIRKER, Hans. A crítica de Freud à religião. Entrevista com Hans Zirker. 2006. Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <
<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/2064-a-critica-de-freud-a-religiao-entrevista-com-hans-zirker>>. Acesso em: 29 de nov. 2017.